

MEMÓRIAS HERDADAS NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS

Rubens de Moraes Silva

Universidade Católica de Brasília

rubtb@uol.com.br

“Como planta que se fortalece com a enxertia – outros ramos se nutrem de suas raízes e frutificam com vigor renovado, chamando para si a seiva e os galhos originais - a enxertia social não deixa que as lembranças se atrofiem”.

Ecléa Bosi (2004, p. 426)

Introdução

O desenvolvimentismo brasileiro dos anos 50 provocou uma onda de migrações internas no Brasil. A população rural, antes majoritária, deslocou-se para sustentar o crescimento urbano, atender a industrialização e buscar sua própria sobrevivência. Muitas razões fizeram acontecer este êxodo rural. A família que me possibilitou a realização desta pesquisa, justificará aqui sua migração.

Os primeiros apelos surgiram de pessoas que passavam pela estrada, à beira da qual esta família morava, em Bonfinópolis de Minas (MG), nordestinos atraídos em primeiro lugar pela migração para São Paulo e depois pela construção de Brasília. Pela primeira vez, viam cruzar, sobre suas cabeças, aviões que transitavam por esta capital federal. E apesar dos grandes desafios desta mudança, as pessoas que aqui vinham tentar sua vida se declaravam satisfeitas com sua opção. As histórias aqui narradas remontam ao ano de 1950 ou 1960, estendendo-se até início deste novo milênio em Brasília, onde agora vivem.

Com meu sangue tingido pela ruralidade antiga de antecedentes originários do sul de Minas e do Vale do Paraíba (Taubaté), e por algumas experiências posteriores, vivendo em áreas rurais do norte e do nordeste brasileiro, entrevistei oito pessoas da chamada Família do Manelim, meus queridos vizinhos, na cidade de São Sebastião (DF), onde moro. Todos nasceram em Bonfinópolis de Minas (DF). São pessoas que mantêm muitas formas de cultura rural, como folias, cantorias, contos, catiras, festas populares que realizam aqui ou em sua cidade de origem. É uma família de raízes negras e indígenas, de antepassados baianos, mas mineiros por convicção. Dentre suas experiências e saberes, conservam muitas práticas no uso de plantas medicinais.

Esta família passou a viver em Brasília entre o ano de 1970 e o ano 2000. Entrevistei Manelim, ou Manoel Conceição Ferreira do Prado, e outras pessoas de sua referência: Maria das Dores Vieira do Prado (esposa), Maria José Ferreira (sua irmã e esposa de André), André da Cruz Oliveira (seu cunhado), Vicente da Cruz Oliveira (seu cunhado), Amélia Vieira Cruz (esposa de Vicente), Francisca Ferreira do Prado (sua filha), Alda da Cruz Oliveira (sua sobrinha, filha de André e Maria José).

Maria das Dores e Manelim, com quem tive uma conversa mais longa sobre o tema, revelaram conhecimento de muitas plantas: abóbora d'anta, alecrim, alfavaca, arnica, aroeira, arruda, assa-peixe, barbatimão, bugre, boldo ou sete dores, buriti, cana do brejo, cebola, chapéu de couro, cipó podre, congonha, copaíba ou pau d'óleo, dorete, erva cidreira de rama, erva cidreira de capim, erva de bicho, erva de passarinho, fedegoso, fruta de cera, gengibre, genipapo, gevrão, hortelã grosso, hortelanzinho, hortelã pimenta, imbaúba, insulina, ipê roxo, jalapa, jatobá, junquinho, landim, levante, lobeira, malva branca, mamona, mangaba, mastruz, mata cachorro, mentraste, milhomem, noz moscada, pacari, papaconha, pau doce, poejo, puaio, quina branca, sambáiba, sofre-do-rim-quem-quer, sucupira branca, trançagem, vic, dentre outras.

Para certos problemas de saúde havia muitas plantas, e para outras, poucas: para gripe, 12 plantas; gestação: 7; rins: 7; calmante: 7; garganta: 6; hemorróidas e cãibra de sangue: 6; fígado: 5; cólicas: 5; reumatismo: 5; febre: 4; massagem: 4; pneumonia: 4; alergia: 4; inflamações: 4; nebulização: 3; sinusite: 3; coração: 3; bronquite: 2; diabete: 2; machucados: 2; pele: 2; colesterol: 2; fortificante: 2; câncer: 2; feridas: 1; queimaduras: 1; estômago: 1; tuberculose: 1; batidas: 1; osso quebrado: 1; dor nas costas: 1; cirurgias: 1; tireóide: 1; bexiga: 1; tuberculose: 1; corrimento de mulher: 1; piolho: 1; depurativo: 1; resfriado: 1; dor de dente: 1; depressão: 1.

A diversidade de plantas usadas para determinadas necessidades de saúde não quer dizer que tais doenças eram mais comuns na região. Uma só planta podia ter mais efeito na cura de uma doença que várias outras plantas. Uma planta curativa podia ser encontrada num lugar sem que houvesse tanta necessidade dela. Certo bioma podia favorecer a existência de algumas plantas. Havia doenças que podiam não encontrar, no local, uma planta adequada de cura. Mas podia acontecer que a maior incidência de determinadas doenças obrigasse o grupo social a buscar plantas adequadas para tal fim, inclusive trazendo-a de outras regiões. Seria outra pesquisa, diferente desta a que me proponho.

Pretendo conhecer e interpretar as experiências e práticas de vida desta família, dialogando com alguns de seus membros sobre o uso que faziam e fazem de plantas medicinais. Desejo perceber as mudanças que podem ter ocorrido nessas práticas dentro de processos migratórios pelos quais passaram, o significado e o sentido que para eles e elas têm essas expressões culturais.

Neste processo migratório, antigas necessidades se cruzam com outros saberes, como diz André, um dos entrevistados, ao falar de sua chácara: “Queremos reflorestar um pedaço, fazer um brejozinho, criar uma reserva pra nós e pra quem viver por aí, quem vier visitar nós. Nós queremos tudo que puder ser usado como remédio e meio ambiente”.

O cuidado da saúde com plantas faz hoje parte desta reaproximação do ser humano com a natureza. Diante da evolução de tantas ciências e tecnologias, nem o isolamento na roça e, muito menos, a monstruosidade da cidade grande são respostas de vida, felicidade e sustentabilidade.

As plantas e as ciências históricas

“Lírio sempre me lembra minha avó”. Assim falou Francisca, uma das pessoas entrevistadas, ao se lembrar de histórias saudosas de períodos natalinos em festas na casa de sua avó. Eram dias de muito carinho, conversas, rezas, cantorias e danças, comidas especiais e muitas histórias que eram repassadas entre gerações. Plantas eram sempre partes destas memórias, com acontece com todos nós.

Podemos contar nossa vida tendo como referência plantas que nos deixaram saudades ou até marcas sofridas: uma fruta de que aprendemos a gostar um dia; uma sombra de uma árvore sob a qual demos o primeiro beijo na pessoa amada; um passeio num bosque onde derramamos lágrimas; um chá que resolveu um problema de saúde; uma árvore com a qual nos identificamos pelo seu próprio jeito; uma flor que alguém um dia nos deu. Plantas deixam memórias e fazem histórias.

Mas escreve-se pouco sobre plantas e histórias. Normalmente, os estudos sobre plantas fazem parte de outras ciências, mas não de História, como pude descobrir em outras pesquisas.

Os saberes tradicionais de cuidado com a saúde eram mais integrados em outros valores e recursos da vida, como diz Duniau (2003, XV). O uso de plantas para fins

terapêuticos em comunidades primitivas era função dos líderes religiosos e estava ligado a práticas de religiões “que incluíam danças, encantações, objetos detentores de poderes mágicos [...] ervas medicinais [...] usavam substâncias alucinógenas para entrar em contato com os deuses [...]”. As especializações científicas não respeitaram a interdependência entre os saberes e o sentido mais profundo da vida humana. Ignoraram suas raízes transcendentais e infinitas. Matararam deuses presentes nas tradicionais culturas. Mergulharam na natureza, explorando-a para fins de lucro. Alguns ganharam muito dinheiro, mas grande parte da sociedade ficou marginalizada de seus benefícios. Criaram-se dicotomias, prejudicando a felicidade e os sonhos das pessoas que dependem de um mundo mais holístico para viver.

Santos e Muaze (2002) dizem que, segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), uns 80% da população do planeta ainda usam plantas medicinais; 70% dos medicamentos de laboratórios se aproveitam de conhecimentos populares; 60% das plantas medicinais já estão catalogadas, somando umas 365 mil espécies; um, em cada quatro medicamentos de laboratório, é extraído de plantas tropicais. A ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária -, em estudos recentes (ABREU, 2006, p. 22-23), classificou quase 800 plantas medicinais. Diz que 40% dos medicamentos alopáticos atuais são obtidos de vegetais. Di Stasi (1996, p. 12) diz que 20% da população mundial, que habita os países desenvolvidos, é responsável pelo consumo de 85% dos medicamentos industrializados. E que no Brasil, 20% da população consome 63% dos medicamentos disponíveis “e o restante encontra nos produtos de origem natural, especialmente nas plantas medicinais, a única fonte de recurso terapêutico”.

Neste trabalho, uso o termo “planta medicinal” a partir do conceito “medicinal”, usado por Houaiss (HOUAISS, 2001, p. 1877). É tudo aquilo que tem propriedades curativas e que é usado como remédio. Os entrevistados que colaboraram com esta pesquisa também usam este termo, dentre outros. Por estas razões mantenho o termo “plantas medicinais”, mesmo sabendo que ele mereceria, em outros trabalhos, um estudo etimológico específico.

O manejo técnico das plantas medicinais

Maria das Dores diz: “Eu conheci as plantas medicinais através dos mais velhos, do meu pai, da minha mãe, da minha sogra que era parteira. E acredito que meu pai aprendeu com os pais dele e vem desde as primeiras gerações”. Manelim diz que aprendeu com “as necessidades da vida. Antigamente os remédios eram arrancados de enxadão. Depois que vim pra Brasília aprendi também com alguns médicos veterinários no Zoológico” (onde ele trabalhava). Vicente e sua esposa Amélia dizem que aprenderam com uma religiosa que lhes passou uma cartilha sobre plantas num trabalho comunitário.

Manelim conta que, em sua casa, em Bonfinópolis, passavam “trecheiros”. Eram pessoas que vinham de longe, normalmente do Nordeste, da Bahia, indo a São Paulo ou de lá voltavam: “Eles ensinavam muito remédio. Às vezes, havia uma pessoa doente e eles mesmos se prontificavam a ajudar, faziam chá de plantas”. Um deles, baiano, era conhecido como Martim Pernetá. O uso de plantas se misturava com rezas, benzimentos, simpatias, pedaços de animais ou elementos minerais.

Maria das Dores continua: “Tem um primo nosso que é fazedor de garrafada. Ele mesmo fazia, mas se a gente quisesse, ele também ensinava”. Conta que tinham que pagar pela garrafada, ou então arrumavam algum produto aí usado, como diz Maria das Dores: “Eu arrumei osso de jumento, osso de capivara e couro de lobo”.

Alda tenta explicar a forma de transmissão destes conhecimentos: “Eles sabiam que aquele chá, feito daquele jeito, era um chá bom. Não tinham a dosagem certa. Às vezes não era suficiente e podia ser até demais e afetava outro tipo de problema”.

Há várias maneiras de se conhecer uma planta. Manelim diz: “A primeira vez quando eu vejo a planta eu quero tirar uma folhinha dela e cheirar. Posso dizer que conheço pelo cheiro”. Ele diz que pelo nariz se conhece uma planta.

Maria das Dores diz que se conhece a planta pelo tipo de folha: “A gente vai andando assim e quando vê um pé de quina, um pé de jatobá, um pau grosso, a gente já sabe só de olhar”. Maria das Dores alerta que as aparências podem enganar, pois os nomes também mudam: “Erva cidreira de rama, o povo também trata de melissa. Essa hortelã pimenta, outros tratam de malva. A malva que eu conheço já é diferente”.

O uso das plantas exige conhecimentos bem variados. Há muitas plantas que são fáceis de serem coletadas, mas nem sempre dominamos seu plantio e seu uso. O remédio, diz Manelim, era feito mais na hora da necessidade: “Em roda tinha tudo, era ir no mato e pronto”. Mas alguns medicamentos eram preparados para guardar. Maria

das Dores explica o modo de retirar o óleo da copaíba: “Faz um buraquinho dentro da árvore e o óleo vai escorrendo. Pode cortar num dia e noutro dia vai e aquele buraco já está cheio. Tira aquele e aí deixa ajuntar mais e vai tirando”. Misturava o óleo com polvilho de mandioca ou com fubá de milho, fazendo uma pílula. Esta tinha a durabilidade de “mais de ano”.

Faziam um preparado chamado vinho de jatobá. Manelim explica: “Quando a gente dava naquela rachadura, espirrava. Corta um talhozinho pra botar um beijo de uma vasilha e o vinho escorrer. É santo remédio pro fígado. E o pau se recompõe”. Eles ferviam para não azedar. Havia também o vinho de buriti, feito de maneira semelhante.

Manelim mostra também que sabe usar a lobeira: “Você rala, tira aquela casquinha verde. A gente põe pra ferver aquela massa e sai uma água preta. Vai saindo até que ela vira uma massa na cor de massa de mamão”. Depois eles colocavam leite e ferviam com rapadura fazendo um tipo de um doce muito bom para gripe e sinusite. Ele tem também uma boa receita para garrafadas. Diz que umas são de planta fervida e outras somente repousadas na água, como a feita com semente de abacate para os rins. Assim também amassam folhas de boldo com água, para digestão. Sobre a quina, diz Maria das Dores: “Você tira a casquinha de cima, aquela casca grossa da madeira todinha. Depois raspa aquela capa mais fina, aí põe pra secar. E aí você pode tomar, só um meio cabinho de colher”. Mas sempre alerta no cuidado com gestantes que não devem usar a quina, o boldo, dentre outras plantas amargas que provocam aborto.

_____ Pelo que diz acima Maria das Dores, descobri que alguns medicamentos feitos para as pessoas passavam, antes, por experimentos com animais. Manelim conta que, como negociador de cavalos velhos, aplicou a batata de purga com um purgante de banha de porco. Diz Manelim: “Depois de um mês, o bicho estava bonito e já estava ficando bravo. Encabelou e engordou”.

Vicente se lembrou também do uso que fazia do fumo para mordida de cobra. Eles tinham que comer um bom pedaço de fumo com um copo de cachaça. O fumo também era bom para curar umbigo de menino novo. Era misturado seu pozinho num azeite e colocado no umbigo que logo secava e, diz ele, “ficava bonito”.

Maria das Dores também conta que cada planta tem a hora certa de ser usada como medicamento: “As amargas são mais apropriadas pra tomar na hora de comer, e é remédio de fígado. O mastruz, a gente tomava em jejum. Se fizer chá com doce, não é bom tomar por cima de comida, principalmente se for uma comida gordurosa”.

Alda distingue plantas quentes de plantas frias. Fala da batata de purga e da jalapa. A primeira é fria e a segunda é quente. Pra gripe, usa a fria, “pra botar pra fora. Se a gente estiver com febre e tomar chá de jalapa, vai acabar estourando”. Pra febre, ela aconselha a fria e lembra que até os médicos costumam aconselhar banho frio para febre. Lembra que aqui existem plantas que também usavam em Bonfinópolis, como o pacari do cerrado, que é bom para afta na boca. “É só amassar e sai aquela espuminha verde que é colocada no ferimento e cura”.

Maria das Dores diz que, aqui na cidade, ela não tem muito o costume de comprar plantas. Francisca diz que busca plantas em chácaras de conhecidos e, às vezes, compra nas feiras, como o barbatimão e o óleo de pequi. Diz que também recebe medicamentos naturais de parentes de seu marido, trazidos da Bahia, como o óleo de capivara e o azeite de mamona que ela sempre usou para curar os umbigos de suas três filhas. Usa também a folha de algodão como antibiótico. Ela passa a conhecidos ou para pessoas de seu ambiente de trabalho, como sabugueiro e babosa que ela tem em casa. Ela ainda mostra como alguns nomes de medicamentos de farmácia passaram a ser usados para plantas: “Novalgina, dipirona, vick, a planta mesmo, em Minas eu não conhecia. Aqui eu consegui”.

A Família do Manelim gosta de ir a Bonfinópolis para festas, encontros familiares, no falecimento de entes queridos. E de lá sempre trazem algum recurso terapêutico como rabo de tatu, fava de imburana, fava de sucupira, óleo de copaíba ou azeite de mamona. Mas vi que também compram algumas plantas ou medicamentos naturais, como Maria das Dores: “De vez em quando eu pego aí de um rapaz que vem vender. Tem remédios bons pra gripe, pra pneumonia. Esse que peguei dele estes dias tem poejo, assa peixe branco, angico, gengibre, copaíba”.

Plantas medicinais em processos migratórios

Aos poucos, esta família aprendeu as diferenças entre os recursos naturais de Bonfinópolis e as novas condições de Brasília. Manelim acha difícil encontrar por aqui alguns tipos de plantas, mas Vicente pensa diferente: “Eu não posso dar garantia que tem, mas também eu não procuro. Eu acho que tem porque é a mesma natureza de lá, só que eu não procuro. Mas eu vou procurar. Acho que aqui tem tudo”. E fala de suas

novas aprendizagens em Brasília: “A babosa a gente usava pra coruja, isto é, para problema digestivo. Aqui já me ensinaram que ela é boa pra hemorróidas. Ensinaram a bater ela com mel de abelha, e tomar”.

Eles entendem que cada planta tem seu espaço próprio de vida. Manelim explica: “Monturo é aquele lugar onde jogava casca de batatinha, de laranja, de abóbora. Jogava palha de milho, pena de galinha, tudo que você usava. Ia criando aquele monte de adubo natural onde nasciam estas coisas de horta”.

Maria das Dores continua: “O boldo, o gevrão, o mastruz, o mentraste, o fedegoso, eram do monturo. Alguns eram de horta como o hortelã e o poejo. A gente aduba, cerca pra porco não chegar. A terra ficava úmida e as galinhas vão lá ciscar”. E ela continua a mostrar diferenças de solos: “O cerrado é onde faz o carvão, onde existem plantas nativas, onde ninguém plantou. O campo tem mais a ver com o tipo de terra melhor, de mais cultura. Lá nasce o pau d’óleo, a copaíba. Mato é terra virgem, terra boa”. Vemos que esses entrevistados revelam, com seu conhecimento, que as plantas medicinais têm a “lógica do espaço”, termo este usado por Ellen F. Woortmann e Klass Woortmann, (1997, p.75-76).

Vicente conta que morava numa terra de cultura fraca de cerrado. O mato ao redor tinha acabado e foram plantar em terra longe dali. Andava muito, vendo ao lado muita água, ema, veado, tamanduá-bandeira. Diz que faltava instrução, máquina, adubo para aproveitar a terra onde moravam. Continua: “Só que quando descobriram isso tudo, o homem ficou inteligente, veio e derrubou tudo. Agora não tem mais nada. Não acredito em recuperação. O homem só está destruindo”.

Para eles, Mato e Cerrado são quase iguais. A diferença é que a terra do Mato é chamada Terra de Cultura, melhor para lavoura. O Campo é a região já desmatada para lavoura, perto dos córregos. As Vargens são regiões de vegetação mais rasteira, terra mais úmida, mais perto também de córregos. Veredas são nascentes puras de córregos (corgos). Monturo é o local onde é jogado lixo que se recicla, criando um bom adubo para hortas. Hortas são canteiros bem preparados e adubados para hortaliças e outras plantas de uso terapêutico. Eles distinguem esses lugares, mas nem sempre há total acordo sobre o assunto. A mesma planta pode também ser encontrada em lugares diferentes, tendo tamanhos diferentes, e produzindo efeitos variados. A mesma planta pode ter nomes diversos. Comentam que mudar uma planta de um lugar a outro altera também seus efeitos. Das plantas citadas por Manelim e Maria das Dores, 17 eram de

cerrado, 14 eram de monturos, 10 eram de horta, sete eram do mato e quatro eram de brejo, córregos ou veredas.

Mas a “lógica do espaço”, conforme referia acima, não se aplica somente a plantas. Toda nossa vida tem lógicas de espaços que interferem em nossa maneira de viver com determinados significados. Santos e Muaze (2002, p.157), citando Ecléa Bosi, dizem que as histórias “sempre se referem a algum lugar, marcando ‘etapas na memória’, isto é, divisões, ‘pontos onde a significação da vida se concentra’”. As posições geográficas situam nossas lembranças, determinando nossos valores e crenças.

Uma outra questão relacionada com as plantas medicinais é o poder e o status da pessoa que tem domínio sobre elas em uma comunidade que pode ser rural, um bairro marginal da cidade, uma tribo indígena ou negra, um grupo que se reúne para estes fins. Pelas narrativas aqui feitas, pessoas muito experientes em seu grupo rural, podem perder um pouco de seu poder e sua importância ao passarem a viver na cidade. Os mais velhos ficam deslocados. Sentem-se como inúteis, o que não acontecia tanto na roça. Ficam inseguros e poucos são os que conseguem se adaptar. Nesta família, talvez uma das formas de conservação de sua auto-estima esteja na preservação de expressões culturais próprias da roça, seja na música, na dança, na comida e principalmente no uso das plantas medicinais que ora parece voltar ao interesse de populações urbanas. Mas não escondem, como vimos, seus conflitos na cidade. Não escondem, por exemplo, seu medo dos médicos que, na cidade, têm muito poder sobre a vida das pessoas e não valorizam seus saberes tradicionais de plantas.

Amélia, dentre os entrevistados, era uma pessoa muito doente. Ela sempre vinha a Brasília para se tratar com médicos. Não conseguia resolver seus problemas mais graves na roça. Hoje ela confia muito nos médicos e fica muito grata de estar bem devido a eles. Mas não deixa de usar as plantas medicinais que ela elenca: “poejo, capim santo, manjerição, manjerona, imburana, hortelã, erva-cidreira, sabugueiro, erva doce, cravinho, hortelãzinho gordo, e outros”. Tem várias delas em seu canteiro. Diz que seus filhos usam as plantas para as crianças, mas os adultos vão aos remédios de farmácia. Há uma mudança de costumes.

Maria José sente medo da influência do médico, pois ele controla e pode até condenar quem usa plantas indevidamente. Médico, diz ela, é coisa cara, difícil de encontrar. Ela diz: “Graças a Deus, tem o médico e ele merece nosso respeito, mas, quando está longe dele, a gente usa a força que a gente tem”. Ela diz que o médico “não

substitui tudo”. E continua: “Na hora que tem um problema, melhor a gente ir ao médico. Depois disso a gente faz algum chazinho bem cuidadoso”.

Francisca relaciona os costumes com a condição financeira: “ Lá não tinha dinheiro pra comprar remédio, nem pra ir ao médico. Tudo se curava com as plantas. Remédio de farmácia era só quando acontecia alguma coisa muito grave”. E ela continua mostrando que as mudanças de costumes se devem à facilidade de ir a uma farmácia, de ir ao médico, ou aos comentários negativos das pessoas sobre plantas.

André tem uma visão mais crítica sobre a situação: “As pessoas mais pobres ficaram reféns dessa situação. Deixaram de acreditar no remédio do mato. E a gente veio procurando a saúde no médico. Mas a saúde pública é muito difícil”.

Todos entrevistados reconhecem que é importante conservar e aprofundar a cultura do uso de plantas para cuidar de sua saúde. Manelim diz: “A gente tem mais confiança de fazer um chá e tomar do que comprar um remédio de farmácia. Uns remédios são sérios. Outros já são misturados e falsos”. E diz ainda que as próprias bulas e medicamentos mostram altos riscos. “A gente acredita nas folhas, nos remédios alternativos”. Diz Manelim que é necessário incentivar as pessoas a usar plantas e conhecer mais sua utilidade. Diz que alguns médicos já estão recomendando o uso de plantas e que até em hospitais estão fazendo o mesmo. Lembra que uma propaganda do analgésico Doril na televisão estava recomendando o uso simultâneo de plantas e mel.

Interpretando estas memórias

O uso de plantas medicinais em comunidades tradicionais ou rurais, é uma herança passada de pais a filhos pelo recurso da convivência e da oralidade. É um saber onde os velhos têm papel fundamental. Maria Christina de Mello Amorozo, ao fazer um estudo de etnobotânica na pesquisa com plantas medicinais, também reforça este uso da oralidade: “Em sociedades tradicionais, a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado. [...] a transmissão entre gerações requeira contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos [...]. (AMOROZO apud DI STASI, 1995, p.55).

A história oral, segundo Thompson (2002, p. 44), é algo considerável, pois ajuda “os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e

autoconfiança [...]. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos [...]. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história”.

A memória de cada pessoa entrevistada revela a cultura de seu grupo social e se insere na tradição de uma sociedade da qual fizeram ou fazem parte, conforme se expressa Halbwachs (BOSI, 2004, p. 55). Conforme este autor, citado por Bosi (2004, p. 63) a “atividade mnêmica” tem uma função social. A pessoa adulta deixa, aos poucos, sua função de “membro ativo de uma sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social”, resta-lhe a função de “lembrar”.

É o que pude observar em seis das oito entrevistas, com pessoas de idades próximas de 70 anos. Tanto quanto as duas pessoas mais novas, próximas de 40 anos, estes entrevistados reconhecem que suas velhas práticas não estão, porém, deslocadas do tempo em que hoje vivem. Reconhecem esta nova tendência da cultura hodierna urbana de se voltar para uma relação amorosa com a natureza, inclusive com relação às plantas medicinais.

Burke(2000, p. 69) mostra que, há muito tempo, conserva-se uma relação próxima entre a memória e a história. Já em tempos antigos, a conservação escrita de histórias se formaram a partir de memórias e se constituíram como clássicos que enobrecem heróis que hoje respeitamos. Diz ele que “lembrar o passado e escrever sobre ele não mais parecem as atividades inocentes que outrora se julgava que fossem” (BURKE, 2000, p. 70). Há um processo seletivo, consciente ou não, tanto na história como em sua memória, de acordo com os interesses de quem faz estas memórias.

A memória, segundo Halbwachs, é construída por grupos sociais. Os indivíduos lembram e contam, “mas são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’ e como será lembrado (BURKE, 2000, p. 70). Por esta razão, continua o autor, uma pessoa pode contar uma história do grupo como sua memória, mesmo sem ter participado dela diretamente na história contada. Este fato não quer dizer que tais narrativas sejam, por esta razão, falsas ou inverídicas. São maneiras de interpretar a história, sentindo-se partícipes do grupo social de que se faz parte em tais acontecimentos.

Hobsbawm, citado por Nunes (2005, p. 24-25), diz que as “pessoas comuns” são os principais atores da história. Eles “podem mudar, e mudaram, a cultura e o perfil da

história”. A história de Brasília não pode ser concentrada somente em grandes figuras como JK, Niemeyer e Lúcio Costa. Outros figurantes da história de Brasília também reinterpretam e redirecionam seus fatos, recriam sua cultura, lutam por um tipo de vida onde se integrem as vantagens da cidade de hoje com outros valores do passado.

A história é como um poliedro de muitas faces. E suas histórias nunca serão completas, pois poderão sempre ter novas interpretações, como esta que aqui tentei fazer. Há certo medo que histórias, como a de Brasília, tenham outras leituras e possam surgir das cinzas outras faces ocultas de heróis até agora pouco valorizados. Assim, novos personagens entram em cena, parafraseando o título da clássica obra de Sader (1988). E lembrar a história a partir das plantas faz mexer na relação perigosa de saúde e doença e tudo que com elas se relacione, e também o uso das plantas. É uma memória nada inocente ou ingênua. Plantas, aqui, são eixos que sustentam histórias e este foi o interesse deste trabalho. Pelo uso das plantas, podemos conhecer a vida destas pessoas, a vida de Brasília e muitas interpretações que podemos intercambiar com estes entrevistados e entrevistadas num momento em que a política de Brasília está por demais manchada pela corrupção e desvios.

Thompson (2002, p. 197) interpreta a memória histórica em suas fontes orais como possibilidades de “descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta [...] sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos [...] ouvir e curar, de libertar a angústia [...]”.

As reminiscências liberadas do passado ajudam os mais velhos a “refletir sobre suas vidas com o intento de resolver, reorganizar e reintegrar aquilo que os está perturbando ou preocupando”, conforme o mesmo autor citado nesse trecho. (THOMPSON, 2002, p. 210).

Pollak (1989, p. 4), diz que a história oral “reabilita a periferia e a marginalidade”, fazendo surgir “em momentos de conflitos e competição” a importância social dos excluídos. Eles trazem “memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional”. E talvez devemos perceber até mesmo em crianças de periferias, de rua, esta memória ativa, pois memória e oralidade não são exclusividades de velhos, mas uma prática a ser aprendida e conservada na vida. Saber contar histórias e interpretá-las. Vida de família é vida de muita oralidade.

Estas narrativas sobre plantas medicinais fazem parte de entrevistas mais amplas como seu contexto¹. Podemos perceber que, ao falar deste tema, também falam de religião, de trabalho, de família, de festas, de doenças e outras coisas mais. Essas pessoas têm facilidade de falar de um tema contextualizando o global da vida e até transformando fatos tristes da vida em piadas, como uma catarse. Nesses momentos, fortalecem seus laços fragilizados, às vezes, pelos desafios dos próprios processos migratórios por que passam na vida: “As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória [...]. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem” (BOSI, 2004, p. 423).

Essas narrativas de plantas e seu contexto mais amplo de fontes orais sobre sua migração para Brasília parecem fontes inesgotáveis de outras possíveis pesquisas, não se reduzindo ao uso de plantas medicinais. Cada narrativa, principalmente dos mais velhos, “desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 2004, p. 82).

Suas narrativas revelam que vivem em um mundo diferente que os desafia sempre mais, pois têm, e sempre terão, raízes fincadas num passado distante, mesmo com toda perspectiva de futuro. Ver partes de um passado se extinguir, como alguns entrevistados revelam com tristeza, é só um lado da história, pois a esperança renasce todo dia na medida em que reinterpretam esse seu passado. Muito do que parecia morrer, é reconstruído para surpresa deles mesmos. Depois de tudo que sofreram e enfrentaram, como questões de trabalho, doença e outros conflitos, parece que nada os faz desanimar de ir em frente, como diz a letra da música de Almir Sater e Renato Teixeira: “Ando devagar porque já tive pressa. E Levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe. Só levo a certeza de que muito pouco eu sei. Eu nada sei...”.

Meus entrevistados “sabem que sabem muito”, por mais que, ainda humilhados pelo peso da vida, digam que não sabem nada. Têm consciência que, durante longo tempo, foi este saber que sustentou suas vidas. Não escondem que foram eternos aprendizes nas necessidades do cotidiano, assim como dependeram de muita gente para chegar aonde chegaram em conhecimentos e práticas. Não se negam a aprender mais de

¹ Refiro-me à minha obra “Memórias e Identidades num vai-e-vem de migrações”, editada pela Annablume (2009).

plantas medicinais e outros saberes da vida por mais que o mundo de hoje os continue desafiando e a saudade do passado não se extinga. Não há expectativa sem experiência, como não há experiência sem expectativa (KOSELLEK, 1992, p. 336-338).

Na cidade, derramaram muito suor para entrarem nestas outras culturas que os envolvem todo dia. Sabem que, aqui, a vida tem outras lógicas para o uso de plantas e para as necessidades de sobrevivência. Tudo é evolução e outra cultura, como dizem André e sua esposa Maria José. Sabem que as culturas são mais complexas e exigem contínua adaptação e negociação. O espaço é diferente, o tempo tem outra contagem. Os valores são outros. O dinheiro manda em tudo, num mundo de pouca partilha e solidariedade. Mas saúde também depende de dinheiro, embora tentem manter sua cultura de plantas. Sentem que a vida de família é um dos alicerces de realização de sua felicidade. Acreditam num Deus como origem e sustentáculo da vida e da saúde.

Mas, diante de um mundo que parece ruir, eles têm um acúmulo de experiências, lutas e valores que lhes dão certa estabilidade, transmitida de pais a filhos. As culturas rurais ainda têm muita expressão e continuam atraindo jovens, como o grupo de catira “Irmãos Vieira” ou o cantor sertanejo Rangel, membros jovens desta família.

Ao avaliar o resultado destas nossas entrevistas e de suas práticas curativas, eles nos deixam ainda muita sabedoria. Maria das Dores pensa que sua participação nesta pesquisa foi bem aproveitada. “Este trabalho deve ajudar na saúde, na medicina, no conhecimento das plantas, mais remédio natural, sem muito produto químico. Naquele tempo a gente não pensava que estes remédios podiam ter tanto valor como a gente vê hoje”. Manelim diz que “Não esperava nunca estar contribuindo com esta entrevista tão séria. A gente não sabia de nada e hoje a gente vê que faz isso brincando, se sente feliz, distrai a gente bastante”.

Ao concluir pesquisas com moradores ribeirinhos dos rios Acre e Purus, refazendo a trajetória feita por Carlos Chagas no início do século XX, Santos e Muaze (2002, p. 160), interpretando o uso de plantas medicinais com esta população, concluem que esta prática cultural “não é uma história dos vencidos, porque nunca se deixaram

vencer. Há, sim, um tom muito forte de resistência, mais do que de permanência [...] é à força que este se desenvolve sem perder sua historicidade.

Diz Manelim que foi: “vitorioso porque não morreu ninguém envenenado com um chá daquele. A gente viveu anos e anos nos ramos”. Por isso continuam abrindo espaços de sobrevivência e estão felizes por aqui, com grande parte da família já nascida em Brasília e em seu entorno. Vemos que suas experiências passadas com plantas medicinais não tiveram só a finalidade de garantir um bom parto ou curar doenças. Destas experiências de sobrevivência aprenderam a ser resistentes e criativos, superando outros desafios da vida. Ouvi um dia esta frase: “Saúde é ter capacidade de lutar”. Por isso, esta família tem muita saúde.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marcelo. Toque de recolher. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 out. 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 484 p.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DUNIAU, Marie-Christine M. **Plantas Mediciniais** – da magia à ciência. Rio de Janeiro: Brasport, 2003.

DI STASI, Luiz Cláudio (Org). **Plantas medicinais**: Arte e Ciência – Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Unesp, 1996.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1877.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma História dos conceitos**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.134-146, 1992.

NUNES, José Walter. **Patrimônios subterrâneos em Brasília**. São Paulo: Annablume, 2005.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos - Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica** – Cpdoc /FGV. São Paulo, 1989/3.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Fernando S. D. dos; MUAZE, Mariana de A. F. **Tradições em movimento:** uma etnohistória da saúde e da doença nos vales dos rios Acre e Purus. Brasília: Paralelo 15, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da Terra:** a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: EdUnB, 1997.